

A LEITURA E A ESCRITA NO CONTEXTO-ESCOLAR¹

Cleia Domingues Goulart²
Lilian Evangelista Poiatti Brandão³

RESUMO:

A preocupação básica deste estudo é refletir a respeito da existência do melhor método para ensinar e de como nossas crianças aprendem no processo de ensino e aprendizagem. Esse artigo tem como objetivo viabilizar condições para o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, para que a mesma ocorra de forma significativa dentro do contexto escolar. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de Ferreiro (2001), Soares (2000) e Vygotsky (1997), entre outros, procurando enfatizar a importância desses alunos em obter maior contato possível com livros dentro do contexto escolar. Nesse contexto, despertará na criança o gosto pelo ato de ler e escrever. A pesquisa mostra nova possibilidade de trabalhar a leitura e escrita descartando o ensino tradicional, dando ênfase a um ensino contextualizado, de modo que, as teorias e reflexões possam dar suporte a práxis.

PALAVRAS CHAVES: Leitura. Escrita. Professor. Criança. Aprendizagem.

ABSTRACT

The primary concern of this study is to reflect about the existence of the best method to teach and how our children learn in the process of teaching and learning. This article aims to make conditions for the teaching process learning of reading and writing, so that the same occurs significantly within the school context. A literature search was performed considering the contributions of Smith (2001), Soares (2000) and Vygotsky (1997), among others, seeking to emphasize the importance of these students in obtaining greater possible contact with books within the school context. In this context, will awaken the child the love Act of reading and writing. Research shows new possibility to work reading and writing discarding the traditional teaching, stressing a contextualized, so that education, theories and reflections can support praxis.

KEY WORDS: Reading, Writing. Teacher. Child. Learning.

¹Artigo Científico a partir do Manual Científico do Athenas Grupo do manual Educacional e das Normas da ABNT solicitado no curso de pós-graduação em Campos de Júlio.

² Graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais, pela UNOPAR, Pós-graduação pela Faculdade/Universidade Instituto Educacional Sem Fronteiras.

³ Graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais, pela UNOPAR, Pós-graduação pela Faculdade/Universidade Instituto Educacional Sem Fronteiras.

1.INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema A Leitura e a Escrita no Contexto Escolar, uma vez que têm desenvolvido papéis significativo na vida de cada um, possibilitando os educando a se informar, instruir, emocionar, decepcionar, alienar e transmitir cultura. Cabe a escola de ampliar competências e habilidades em relação à mesma, portanto, o discente passará a adquirir competências e habilidades , conseguindo uma nova visão do mundo, observando as transformações que a educação está passando no decorrer dos anos.

Nesta perspectiva, sabe-se da grande dificuldade que a escola tem de ensinar seus alunos a ler e escrever. O mundo se transforma e a educação engatinha para solução dos problemas.

No entanto, surgem várias tendências e desenvolvem ações políticas públicas insuficientes para a realidade. Sendo assim, a leitura e a escrita abrangem aspectos relevantes dentro da nossa cultura levando a compreender o que ocorre no decorrer dos anos, onde podemos ter uma visão ampla da sociedade. Com base nas pesquisas, foi levantado as seguintes questões, todas as crianças aprendem do mesmo jeito? Existe uma receita pronta para ensinar essas crianças?

Portanto, quando se fala em leitura e escrita a escola como instituição tem a obrigação de oferecer e cumprir seu papel social, de oferecer condições necessárias para que ocorra a aprendizagem, porque ensinar a ler e escrever são tarefas da escola, ou seja, um desafio indispensável para todas as disciplinas escolares, uma vez que ler e escrever são meios básicos para desenvolvimento da capacidade de aprender e constituem competências para a formação do educando.

Dessa forma, os docentes são mediadores deste processo e devem ter suas práticas pedagógicas voltadas para uma ação consciente com alternativas mais satisfatórias, visando garantir um ensino de qualidade adequando meios para os alunos produzam leitura, escrita com mais facilidade.

Também a dificuldade, após anos de escola, de o aluno escrever um texto coeso e coerente culminando na insegurança linguística demonstra o fracasso das práticas linguísticas das aulas.

Nesse sentido, Soares (1995 p.73), define a função da escola da seguinte forma:

[...] A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma

consciente e consistente, os mecanismo de apropriação de conhecimentos. Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social. Essa também é a nossa perspectiva de trabalho, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de papel político na luta contra as desigualdades sociais e assume a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social. (SOARES, 1995, p.73),

De acordo com a autora, a escola como instituição tem a obrigação de oferecer e cumprir seu papel social, o de dar condições e fornecer subsídios necessários para a aprendizagem da leitura e escrita dos seus alunos. “A função da escola consistirá em ensinar a pensar, a dominar a linguagem (inclusive a eletrônica), ensinar a pensar criticamente”, (GADOTTI, p. 273).

Neste contexto, o objetivo primordial desse estudo é, investigar qual melhor método que poderá ser usado no processo de leitura e escrita na escola, no intuito de conhecer a melhor forma de levar os alunos no mundo letrado.

Para alcançar nossos objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica, realizada a partir de materiais publicados na literatura e artigos científicos divulgado no meio eletrônico.

Na atual pesquisa, enfatizamos que não basta à criança ler e escrever, é necessário que ela encontre na leitura uma motivação permanente, ou seja, que alfabetização deve estar no alcance de todos, aprimorando sua comunicação e integrando o individuo na sociedade e no campo profissional.

2. UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA NO CONTEXTO-ESCOLAR

A educação ao longo dos anos vem passando por várias reformulações no campo sócio político no intuito de melhorar o ensino. Através de esforços, o governo tenta fazer reestruturações na educação, que passam em muitos municípios de seriada para ciclada, a qual visa melhoria e uma busca constante na qualidade do ensino.

Nesta perspectiva, surgem tendências e desenvolvimentos no intuito de acabar com o analfabetismo no Brasil, Estados estão remodelando seus currículos e investem mais em capacitação dos docentes. Mas a verdade é que há ainda muito que fazer.

A partir de 1970 até 1980, surgiram os maiores índices de evasão e repetência no País. Um índice mais alto do mundo, e os eixos dos questionamentos são referentes ao: fracasso escola, insucesso da leitura e escrita, evasão, repetência entre as primeiras séries do ensino fundamental.

De acordo com o PCN: língua Portuguesa (2001 p. 59):

[...] Na década de 80, vários Estados e Municípios reestruturaram o ensino fundamental e partir das séries iniciais. Este processo de reorganização, que tinha como objetivo político minimizar o problema de repetência e evasão escola (PCN, 2001 p. 59):

No entanto, estes índices são resultado principalmente da grande dificuldade que a escola tem em ensinar o aluno a ler e escrever de maneira competente.

Nesse entendimento, as mudanças ocorridas nos últimos anos como tecnologia, debates pela sociedade como educação Sexual, Direitos de Cidadão, ética, Política, Racismo etc. O ensino tradicional ficou defasado em função dos avanços tecnológicos e mudanças no setor industrial, o mercado de trabalho mudou. É evidente que a escola necessita passar por transformações em que a sala de aula necessita atualizar-se. E os PCNS (2001), apresentam orientações gerais de como trabalhar um novo mundo em sala de aula, e esta orientação só será adequada se docentes fizerem adaptações á realidade do educando.

Desse modo, as áreas tratadas nos PCNS são: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Matemática, Ciências Naturais, Geografia, História, Educação Física e Artes. E temos também, os temas Transversais que são Éticas, Meios Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, orientação Sexual, não se trata de matérias, mas assuntos que devem se adaptados pelas disciplinas citadas, pois a escola não é uma ilha e está inserida na comunidade com seus conflitos, aflições, e alegrias, e os docentes precisam criar espaços para discussões nas quais os educando opinem sobre os fatos.

Assim, o fato consiste que a hora certa de entrar neste tema seria visada por uma sensibilidade do professor, por exemplo, quando surge notícias no jornal local, festas na comunidade, enchentes no bairro, brigas no recreio, ou qualquer episódio relevante que lhe chegue aos ouvidos podem render um grande debate em sala de aula.

Desta forma, o aluno conseguirá defender seus pontos de vista, opinar e aprender a respeitar a opinião dos demais, com isso ele ganhará domínio da

linguagem que é o objeto do Ensino de Língua Portuguesa. Pois, não é só importante saber ler e escrever, mas é preciso dominar a linguagem para participar efetivamente na vida em sociedade.

Acrescenta-se também, que o mundo está em constante transformação e a educação faz parte destas mudanças, o mercado de trabalho mudou e a escola já não deve ser a mesma de 30 anos. Para formar o cidadão desde milênio é necessário que a escola, conteúdo, e o ensino das disciplinas se adaptem tendo uma nova postura.

Neste âmbito, queremos fazer uma análise da escrita, porque é sabido que ela é um objeto cultural e sua apropriação pela criança muito antes de sua entrada na escola. E quando a criança iniciar seu período escolar, já tem constituído a escrita e sua habilidade, dessa forma, para aprender a escrever vai se num curto tempo.

Porém, a escola como instituição tem a obrigação de oferecer e cumprir seu papel social o de dar condições e fornecer subsídios necessários para a aprendizagem da leitura e escrita dos seus alunos. “A função da escola consistiu em ensinar a pensar, a dominar a linguagem (inclusive a eletrônica). Ensinar a pensar criticamente” (MOACIR GADOTTI, p. 237, 2004).

Por isso, os discentes dentro do contexto escolar, deduzem, interagem, criticam e passam a expressar todas sua criatividade através da leitura e escrita desenvolvendo competências e habilidades que ampliam a cada série. No entanto, é importante á leitura e a escrita na vida de cada um, e que tem o objetivo de comunicar, entreter, instruir, emocionar, decepcionar, anunciar, deduzir, alienar e transmitir cultura.

Entretanto, neste impasse, o aluno terá um olhar holístico das mesmas e conseguirá ter uma nova visão do mundo, observando as transformações que a educação vem passando no decorrer dos anos.

Compreende-se que, a produção escrita faz parte do meio social e como função social, nos levam a compreensão que ela é um objeto de estudo e reflexão dentro e fora do contexto-escolar. “A análise da escrita no contexto social e escolar implica a pressuposto de que não existe uma escrita geral ou abstrata e a escola não é o único local de acesso á leitura e escrita”. (SOUZA E SILVA, MARIA ALICE STÚBAL, p. 13, 1994).

Dessa forma, a escrita é tida como necessidade pessoal, pois, escrevemos para nos comunicar e só acessamos á sociedade através da escrita. Quando escrevemos construímos nossa identidade, e colocamos em jogo a nossa ideologia na qual temos obrigação de convencer o outro, no sentido de provar que quando escrevemos temos uma finalidade e objetivo, sendo assim, “todo texto tem por traz de si, um produto que procura persuadir o seu leitor, usando para tanto vários recursos de natureza lógica e linguística”. (PLATÃO e FIORINI, p.173, 2000).

Ao passo que o uso social da escrita deve ser discutido com a criança para saber o que é essencial, pois convivemos com ela quando escrevemos recados, listas de compra, relatórios de passeio, cartas, anúncios, bilhetes etc. Portanto, são formas de perceber que a escrita tem uma função, comunicativa e que é necessário colocar letras em certa ordem para que tenham significado e possam se lidas e entendidas. Por isso é importante que haja tempo para a criança escrever, para ler, para falar, para ouvir, etc.

Segundo Souza e Silva (199, p.13-14):

[...] a linguagem oral se diferencia da linguagem oral tanto pela sua estrutura quanto pela sua função. Na escrita a criança não tem auxílio de gestos, imagens, entonação de voz etc. O que exige maior capacitação de abstração para recriar uma situação de modo compreensível para seus interlocutores (SOUZA E SILVA , 1994, p.13-14).

No entanto, o processo da escrita, sendo único e pessoal, exige momentos de reflexão em que o escritor dialoga consigo mesmo discutindo, lendo, escrevendo etc. Por isso, a grande dificuldade de escrever requer de nós um tempo e certos cuidados tomando decisões acerca de: o que escreve, para que, para quem, como, porque precisamos de tema e situação de escrita, finalidade intenção, destinatário. Escrever, nesse caso, requer elaboração do pré-texto, roteiro, conteúdo, revisão, releitura, avaliação e por última correção.

Na atual pesquisa, constatou-se que para saber o caminho que de deve seguir ate chegar á escrita requer um grande esforço, como memória e coordenação úteis para começar a traçar e como prosseguir.

Nesta perspectiva, sobre a aquisição da leitura e escrita, surge á pesquisadora Emilia Ferreira, nascida na Argentina, psicolinguista, discípula de Jean Piaget revolucionou o conhecimento que de tinha sobre a leitura e escrita, quando lançou o livro Psicogênese da Língua Escrita.

No entanto, a teoria de Emilia Ferreira nasce devido ao número elevado de evasão e repetência nas escolas da América Latina, como uma importante saída para esses problemas ela repensa no processo de aquisição da leitura e escrita. A pesquisa revelou que a criança sabe mais do que deveria supor, elas ingressam na escola com um conhecimento prévio.

Emilia Ferreiro considera a linguagem como uma representação, pois linguagem oral e escrita se relacionam entre si, ao mesmo tempo em que se diferenciam uma da outra.

2.1. Letramento: uma prática para além da alfabetização

O conceito de letramento, embora ainda não registrado nos dicionários brasileiros, tem seu aflorar devido a insuficiências reconhecidas do conceito de alfabetização, no entanto, ainda que não mencionada, já está presente na escola, traduzindo em ações pedagógicas de reorganização do ensino e reformulação dos modos de ensinar, como constata a professora Magda Becker Soares, que, há anos, vem se debruçando sobre esse conceito e sua prática.

Na visão de Soares, (2000), “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, e uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta é alfabetizada, mas não é letrada”.

Portanto, para ela, em sociedade grafocêntricas como a nossa, tanto crianças de camadas favorecidas quanto crianças das camadas populares convivem com práticas de leitura e escrita cotidianamente, ou seja, vivem em ambientes de letramento. Segundo Soares (2000) a diferença é que crianças das camadas favorecidas têm um convívio inegavelmente mais frequente e mais intenso com material escrito e com práticas de leitura e de escrita.

A partir da atual pesquisa vê uma preocupação com um analfabetismo funcional (terminologia que a UNESCO recomendara nos anos 70, e que o Brasil passou a usar somente a partir de 1990, segundo a qual a pessoa apenas sabe ler e escrever, sem saber fazer uso da leitura e da escrita). No entanto, a sociedade no mundo inteiro tornou-se cada vez mais centrada na escrita.

Nesta perspectiva, a cada momento, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na chamada cultura do papel, mas também na nova

cultura da tela, com os meios eletrônicos, que, ao contrário do que se costuma pensar, utilizam-se fundamentalmente da escrita, são novos suportes da mesma.

No entanto, nos dias atuais, em que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente as demandas contemporâneas, por isso é preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas, e precioso letrar-se.

Na visão de Soares (1995, p. 36):

[...] Frequentemente o aprendizado fora dos limites da instituição escolar é muito mais motivador, pois a linguagem da escola nem sempre é a do aluno. Dessa maneira percebemos a escola que exclui, reduz, limita e expulsa sua clientela: seja pelo aspecto físico, seja pelas condições de trabalho dos professores, seja pelos altos índices de repetência e evasão escolar ou pela inadaptabilidade dos alunos, pois, a norma culta padrão é a única variante aceita, e os mecanismos de naturalização dessa ordem da linguagem são apagados (SOARES, 1995, p. 36,).

Desse modo, a análise das questões sobre leitura e a escrita está fundamentalmente ligada à concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que é ensinar e aprender, pois com essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribuem à escola e à escolarização.

Segundo Cagliari (1989, p. 26).

[...] Muitas das abordagens escolares derivam de concepções de ensino e aprendizagem da palavra escrita que reduzem o processo de alfabetização e de leitura a simples decodificações dos símbolos lingüísticos. A escola transmite uma concepção de que a escrita é a transcrição da oralidade.(CAGLIARI, 1989, p. 26).

Conforme coloca o autor, parte-se dos princípios de que o aprendiz deve unicamente conhecer a estrutura da escrita, sua organização em unidades e seus princípios fundamentais, que incluiriam basicamente algumas das noções sobre a relação entre escrita e oralidade, para que possua os pré-requisitos, aprenda e desenvolva as atividades de leitura e de produção da escrita.

De acordo com Vygotsky (1997, p. 30,):

[...] Nesta perspectiva, a evolução da linguagem, a própria estrutura do significado e a sua natureza psicológica mudam de acordo com o contexto vivido. A partir das generalizações primitivas, o pensamento verbal eleva-se ao nível dos conceitos mais abstratos. (VYGOTSKY,1997, p. 30,)

Para o autor não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e uma palavra. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que realiza de forma diversas na fala.

2.2. Conceitos da língua escrita.

Na atual pesquisa, são utilizadas estratégias para compreender o processo de escrita, onde constituem os aspectos construtivos que passam por estágios e destes de Emília Ferreiro que constata como: pré-silábico, silábica, silábico-alfabético e alfabético.

Pré-silábica: a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, na qual a criança procura registrar alguns traços referentes ao objeto de que se fala. “Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como forma básica da mesma”. (FERREIRO & TEBEROSK p. 193, 1999).

Silábica: Este nível ela chamou de hipótese silábica que estabelece relação entre a língua falada com o contexto da escrita, interpretando a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra. Em geral, a criança representa uma grafia para cada emissão oral, mas a sua preocupação está mais em resolver quantas letras precisa para escrever uma palavra do que quais letras para esta, sendo assim (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.209) conceitua que:

[...] Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõe uma escrita, nesta tentativa a criança passa por um período da maior importância evolutiva cada letra vale uma sílaba, a criança dá um salto qualitativo aos níveis precedente. FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.209)

Já no Silábico-alfabético: esta, e a fase em que a criança mistura a lógica da hipótese silábica com a identificação de algumas sílabas passa a agregar mais letras á escrita, onde os sons da fala são registrados pelo uso de mais de uma letra.

[...] A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafemas (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas de hipótese silábica. (FERREIRO & TEBEROSKY, p.214, 1999).

Na compreensão da Alfabética: nesta hipótese a criança estabelece a correspondência entre fonema e grafema. Consegue compreender que uma emissão oral (sílabas) pode ser formada por uma, duas, ou três letras. Ainda há uma forte ligação com a oralidade, não havendo total domínio da ortografia, podendo também aparecer à separação indevida de palavras. Ela passa a dominar o valor das letras e sílabas. A escrita produzida se torna mais fácil de ser compreendida pelos adultos. “A partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito”. (FERREIRO & TEBEROSCKY, 1999, p.219).

Para a criança aprender a escrever ela passa por um processo de construção, que vai da percepção, tanto auditiva como visual, até motricidade. Cabe ao professor, identificar que habilidade dele deve utilizar para ensinar escrita e sua organização. Trata-se de formar um aluno que além de ler escrever com competência seja crítico.

Tendo a criança o conceito da escrita, pré-formada é necessário que o docente apenas valorize este conhecimento e compreenda sua organização, instigando-os para que possa escrever com maior facilidade. Mas, a escrita deve ser pensada de forma significativa não com exercícios mecânicos.

A prática de ensino da leitura escrita há 20 anos, consiste em famílias silábicas, textos vazios na maioria das vezes um amontoado de frases, ou seja, significado algum para o aluno, que não existiam fora do contexto escolar. Passava a seguinte mensagem ler não tem função fora da escola.

De acordo com Gadotti, (2004, p. 225):

[...] a leitura e escrita se ensinam como algo estranho á criança e de forma mecânica, em lugar de que se constitui um objeto de seu interesse, no qual se aproxima de forma inteligente. Como diz Vygotsky (1998): “as crianças se ensina traçar letras e fazer palavras com elas, mas não se ensina linguagem escrita. A mecânica do ler e que está escrito e está tão enfatizada que afoga a linguagem escrita com tal. (GADOTTI, 2004, p. 225).

A escrita está nos meios de comunicação de massa como TV, jornais, revistas, livros, placas das ruas, cartazes, cartas, e até nas embalagens de compras que levamos para nossas casas. No entanto, temos que ressaltar que a criança não chega á escola sem saber nada sobre a língua, ou seja, ela passa por estágios para compreender o processo de escrita, ao passo que o sujeito constrói sua linguagem

escrita num processo de interação, pois ela é resultado de uma atividade humana, social e cultural. “as relações que o indivíduo estabelece com o meio são fundamentais para seu desenvolvimento e a linguagem, na interação com os outros é um dos fatores que propicia estas relações”. (VYGOSTKY, p. 35, 1991).

Ao passo que estes aspectos relacionados a respeito da escrita, são necessários que o aluno adquira competências fundamentais para articular diferentes linguagens na produção textual, desenvolvendo capacidade, imaginação, análise e reflexão para utilizá-las em vários contextos, garantindo cidadania através de aprendizado constante, instigante com a intervenção do professor.

Dentre as perspectivas do PCN (2001), é fundamental que o docente inove sua práxis elaborando atividades e projetos de leitura e escrita com metodologias capazes de respeitar as diferenças individuais e competência, e principalmente incentivando-os na participação efetiva dentro e fora do contexto, dando oportunidade para participar em uma sociedade letrada, expressando adequadamente seus conhecimentos, ideias, emoções, indignações e sentimentos.

No entanto, seria uma proposta para o letramento, termo utilizado em países de primeiro mundo na qual para ler e escrever e preciso apropriar-se da escrita, fazendo uso das práticas sociais de interação.

A propósito, o objetivo da língua portuguesa é criar condições para o aluno desenvolva de forma progressiva e continua a leitura e escrita, fazendo o uso da língua durante o período dos 8 anos de ensino fundamental em que vão adquirir competências linguísticas aprendendo a ler, escrever, falar e ouvir, possibilitando meios de solucionar problemas cotidianos, como também o de ter acesso aos bens culturais visando alcançar uma participação plena no mundo.

Portanto, o conhecimento da língua escrita está em constante evolução. O aluno é participante do seu processo de conhecimento, com a convivência com a escrita a criança vai construindo sua hipótese que faz com que o indivíduo faça uso da língua, não somente para traduzir um pensamento ou transmitir informações a outros, mas, sim realizar ações agir e atuar com escritores competentes. Cabe a escola, viabilizar o acesso do aluno no universo dos textos que circulam na sociedade ensinando os a produzi-los e interpretá-lo coerentemente.

A diversidade de textos deve estar a serviço da aprendizagem do aluno ampliando seu conhecimento, pois é na escola que se forma o perfil do cidadão que estará agindo e decidindo os novos rumos de nossa sociedade. Neste impasse, que

a escola ganha identidade de ser o lugar privilegiado para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, tendo o papel fundamental o de fornecer subsídios necessários para a criança interagir no mundo da escrita de forma efetiva.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo desenvolvido ao longo período do curso de Pós-graduação trouxe grandes contribuições para o crescimento profissional e pessoal. Dando ênfase a um novo ponto de vista sobre a escrita no contexto escolar, possibilitando assim, a trabalhar de forma objetiva e contextualizada, levando a compreender o quanto é importante a escrita.

Portanto, sabe-se que atualmente a escrita está em constante avanço na qual os educando tem mais acesso a linguagem ora e escrita, comunicando-se no intuito de interagir-se com o outro para aprimorar seus conhecimentos.

Na atual pesquisa, mostra uma nova possibilidade de trabalhar a leitura e escrita descartando o ensino tradicional, dando ênfase a um ensino contextualizado.

Desta forma, mostram como as teorias e reflexão possa dar suporte a práxis, por isso, esta investigação sobre a linguagem pode transformar as aulas em atividades de pesquisas junto com os alunos, levando a refletirmos sobre a língua que se fala e escreve que constitui parte da nossa identidade como sujeito social.

No entanto, a linguagem é um vasto campo de interesse científico, porém, para ingressar nela é preciso munir de teorias consistentes e com métodos de investigação criteriosos, pois a linguagem oral e escrita são bens coletivos e pertence a todos que a falam.

Portanto,, a escrita atravessa o tempo e é tão importante que durante século foi privilégios de poucos, no entanto, ela foi inventada a milhões de anos e persiste no contemporâneo com mais força do que década atrás. A escrita deu certo que não podemos imaginar o mundo sem ela.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**, 2º edição, Belo Horizonte, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**, São Paulo: Contexto, 2003.

GADOTTI, Moacir. **A História das Ideias Pedagógicas**. Editora Ática. São Paulo, 2004.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita** Editora Artmed. Porto Alegre: RS. 1999.

FERREIRO, Emília. Reflexão sobre a alfabetização. São Paulo. Cortez. 2001.

PARÂMETRO, Curriculares Nacionais. **Volume 2, Língua Portuguesa**/Ministério de Educação. Secretaria Fundamental, 3ª Edição. Brasília. 2001.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky. **Uma perspectiva Histórica-cultura da Educação**. Petrópolis. RJ. Vozes. 1995, 12ª Edição. Educação e conhecimento.

VYGOSTKY, Levi semiovich. Pensamento e linguagem. 2ª Ed. São Paulo, Martins fontes, 1998.